LÁZARO PULIDO, Manuel, coord. – *El cristianismo en Japón: Ensayos desde ambas orillas*. Cáceres: Instituto Teológico "San Pedro de Alcántara", 2011. 148 p. Estudios.

O Instituto Teológico "San Pedro de Alcántara" de Cáceres editou o volume acima referenciado, coordenado por Manuel Lázaro Pulido, que reúne seis textos sobre o cristianismo no Japão. A publicação pretende assinalar o 65.º aniversário dos bombardeamentos atómicos sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui, no contexto da II Guerra Mundial. No dizer do coordenador do volume, na introdução ao mesmo, os trabalhos publicados versam sobre «a entrada e perceção dos cristianismo no Japão, a trajetória do cristianismo católico e protestante na ilha do Pacífico e os aspetos antropológicos e sociológicos subjacentes a este encontro do cristianismo com as gentes do Japão a partir de uma nova forma de pensar a realidade social do século XXI, que afeta a forma como entendemos o diálogo inter-religioso» (p. 18).

Os primeiros dois trabalhos são de Osami Takizawa, doutor em História Medieval pela Universidade Complutense de Madrid e professor do programa oficial de pós-graduação em Ásia Oriental-Estudos japoneses da Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca. O primeiro, sob o título *El conocimiento que sobre el Japón tenían los europeos en los siglos XVI y XVII (I): Japón lugar de evangelización*, aborda a imagem do Japão subjacente aos missionários ocidentais que estiveram naquele território no século XVI e no início do século XVII. O trabalho de Takizawa sintetiza os passos da evangelização quinhentista do Japão às mãos dos padres jesuítas, num contexto de reunificação do território, graças à ação de Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi, num tempo em que o *shogun* ia pondo termo a uma espécie de feudalismo. De uma conjuntura globalmente favorável e promissora para o cristianismo japonês, caminhou-se para um ambiente político hostil sobretudo no tempo de Tokugawa Ieyasu, hipotecando as expectativas de fé cristã naquele território. Focando-se sobretudo na imagem que os missionários tinham do Japão, o estudo, depois de individualizar a visão de cada um dos principais missionários (Francisco Xavier, Cosme de Torres, Organtino, Francisco Cabral, Alexandre Valignano), converge sobre o parecer deles sobre algumas áreas da vida nipónica: a sociedade, o idioma, as festividades, os costumes e a vida quotidiana, a economia. Transversal a todos os pontos de análise está uma visão positiva e otimista dos missionários europeus em terras do Japão: «as diferenças que encontraram foram objeto de intenso interesse e admiração, mas não de exclusão e desprezo» (p. 44).

O segundo estudo, do mesmo autor, sob o título *El conocimiento que sobre el Japón tenían los europeos en los siglos XVI y XVII (II): Los japoneses destinatarios de la evangelización*, continua a abordagem anterior, centrando-se agora na estrutura social do Japão à época. Trata primeiramente dos senhores feudais e samurais, referindo-se ao estabelecimento destes e ao código ético de honra do guerreiro (*Bushidō*) que lhes era próprio, assim como à simbólica que os jesuítas apreenderam dos senhores feudais, nomeadamente os *shogun* referidos no texto anterior. A imagem habitualmente positiva desvaneceu-se à medida que, sobretudo a partir da viragem do século, avançou a severa perseguição aos cristãos. Num segundo momento, Osami Takigawa analisa a ideia que os europeus tinham dos japoneses no que se refere à possibilidade de êxito da missionação, olhando os diferentes tipos de leigos (os fiéis do povo,

as mulheres, as crianças) e a perceção da instituição familiar. Na multiplicidade de detalhes que os ocidentais manifestam do Japão, habitualmente bem compreendidos, mantém-se a visão positiva que possuíam dos seus habituantes e da sua organização de vida.

No terceiro trabalho, intitulado C*ivilización japonesa: La barrera cultural para la aceptación del cristianismo*, Mutsuo Yamada, professor da Graduate School of Advanced Studies pertencente ao Museu Nacional de Etnologia de Osaca, estuda o cristianismo não já a partir da visão dos missionários, mas dos próprios japoneses, analisando as suas reações num arco temporal mais amplo, que se estende até ao século XX, e procurando compreender os motivos pelos quais um tão longo contacto do Japão com o cristianismo não resultou numa permeabilidade da cultura japonesa à fé cristã, comparativamente com outras civilizações orientais, nomeadamente a coreana: enquanto no Japão o cristianismo no seu conjunto não vai além dos 2% da população, na Coreia do Sul ascende a mais de 30%. Referindo uma «certa xenofobia» (p. 63) relativamente à presença estrangeira, pelo facto de o Japão não ter estado sujeito à conquista e dominação externa, Yamada sublinha a inclinação cultural para manter elementos antigos e para selecionar lentamente os elementos novos, recusando o que «muda radicalmente as relações entre os elementos já existentes» (p. 63). Entende também que a conservação da base ecológica do país, nomeadamente os bosques, cuja área atinge 65% do território, ajuda a compreender a permanência da cultura tradicional de base animista, que exige grande familiaridade com a natureza. Nesta cultura animista e agrícola pontifica o princípio "maternal", de raiz xamanista, enquanto a civilização judaico-cristã se encontra marcada por um princípio "paternal". O primeiro adota uma atitude integradora e de rejeição do confronto, enquanto o segundo envereda por uma lógica de separação e de aprovação do antagonismo. É certo que o Japão, no decurso da sua história milenar, acolheu outras crenças, nomeadamente o budismo, mas ainda assim de um modo próprio, ao ponto de haver quem pense que a religião dos japoneses, mais do que o xintoísmo ou o budismo, foi o sincretismo de base animista que os integra. Foi esta cultura de integração que o cristianismo questionou, quando aportou ao Japão no século XVI, apesar dos reconhecidos esforços de respeito e adaptação cultural dos jesuítas, quando os *shogun* estavam sobretudo interessados nas relações comerciais, mesmo se temporariamente, como aconteceu no início sob Nobunaga, se bem que também tenham fomentado o cristianismo como contraponto ao poder de grupos budistas antagónicos que se impunha combater. Após a expulsão dos cristãos no início do século XVI, que pôs termo à possibilidade do cristianismo no Japão, nova oportunidade surgiu na segunda metade do século XIX, quando o governo, num quadro de abertura ao Ocidente, concedeu liberdade de culto sob pressão externa. O cristianismo, nas suas várias denominações, teve inicialmente um período de expansão rápida, a que se seguiu uma etapa de retrocesso coincidente com o fortalecimento da política oficial de veneração do imperador. O progresso das primeiras décadas do século XX favoreceu a difusão do cristianismo, sobretudo protestante, mas também católico, até ao confronto, no fim dos anos 30, com o nacionalismo japonês baseado no xintoísmo estatal, concretizado na obrigatoriedade da visita aos templos xintoístas e na reverência ao palácio imperial, que os cristãos, com dificuldade, foram acatando apenas como expressão de fidelidade à nação. Após a derrota japonesa na II Guerra Mundial e num quadro de tutela norte-americana, o cristianismo teve uma nova oportunidade, tanto mais que o expansionismo japonês radicava no xintoísmo estatal, que

importava abolir. O novo contexto de liberdade religiosa e sobretudo o impulso externo estado-unidense permitiram o crescimento imediato do número de protestantes e católicos, mas sem sustentabilidade para as décadas seguintes. Mutsuo Yamada conclui o seu trabalho referindo a continuidade da mentalidade religiosa sincretista e animista dos japoneses e a situação atual do cristianismo no Japão, que, nas suas várias denominações, não chega a 2% da população. Olhando para o futuro, refere que as possibilidades do cristianismo no Japão dependem das mudanças que possam vir a ocorrer na cultura japonesa e no próprio cristianismo. Este precisará de superar o eurocentrismo e valorizar «a adaptação à cultura local, a independência financeira de fontes estrangeiras e a autonomia doutrinal e política» (p. 78), consciente de que nada se implanta em território japonês sem sofrer modificações.

Domingos Barbolla Camarero, professor de Antropologia Social na Universidade da Estremadura, intitulou o seu estudo: *Japón en una nueva civilización, desde una primera aproximación al hecho religioso cristiano*. Partindo da evangelização jesuítica do Japão, segundo a lógica da razão, o autor desenvolve um conjunto de reflexões em torno dos conceitos de identidade planetária e de nova civilização, definida como «inter-relação entre as diferentes culturas do planeta, gerando proximidades evidentes que nos permitem falar de um único marco civilizacional para compreender a cultura real da humanidade no início do terceiro milénio» (p. 85). Traçando um cenário que mescla a análise antropológico-social com uma espécie de declaração de intenções para os tempos presentes e vindouros, Barbolla Camarero procura delinear esta identidade planetária num quadro de encontro de culturas: «No nosso tempo está a dar-se um passo decisivo: o conhecimento mútuo de todos os povos do planeta, os desafios comuns e a resposta conjunta perante eles; mais do que nunca e de forma substantiva os seres humanos estamos "condenados" a entendermo-nos, e é precisamente esta constatação que nos permite ser maiores, mais fortes perante os desafios de todos, perante o desafio que a vida nos impõe para continuarmos a tomar parte nela» (p. 89). Conclui com referências ao papel da religião neste novo quadro civilizacional, estabelecendo laços entre o Japão do século XXI e o espírito jesuítico do século XVI. Focalizando-se o texto na dita nova civilização, cremos que o autor poderia ter clarificado melhor a relação do quadro teórico apresentado com a cristianização do Japão no século XVI e com as virtualidades do cristianismo no quadro civilizacional contemporâneo, também no âmbito japonês, mesmo concordando nós que, pela lógica da razão e pelo conceito de criação, pode favorecer uma consciência de espécie comum.

Manuel Lázaro Pulido, investigador do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e professor de Filosofia no Instituto Teológico da diocese de Coria-Cáceres que edita esta obra, escreve sobre *Japón-cristianismo: dos lógicas diferenciadas, un mesmo ser humano. Diálogo inter-religioso en la nueva civilización del siglo XXI*. Retomando os conceitos de nova civilização e identidade planetária, o autor propõe uma viagem pela cultura japonesa na sua relação com a cultura ocidental e o cristianismo, afirmando a convergência de dois mundos distintos num mesmo ser humano. Subjacente às lógicas diferenciadas do Oriente e do Ocidente, há uma pergunta essencial – a pergunta acerca do sentido do homem que vive no mundo – a que cada lógica responde de modo diferente. O homem partilha, porém, de uma sabedoria ou de uma lógica que lhe permite perguntar-se pelo seu ser. Trata-se de uma identidade comum a todo o ser humano. Reconhecendo a diversidade das respostas, o estudo refere que «as diferenças não constituem divergências, mas são importantes para evitar a

homogeneização, no terreno identitário, pessoal, social, cultural e religioso» (p. 101). A cultura japonesa, estando muito arraigada nas suas raízes longínquas, não deixa de ser permeável ao que chega do exterior como o exprime a adoção da grafia chinesa, adaptada a seu jeito. Metáfora do encontro pode também ser o caraté com os elementos religiosos que lhe são próprios. Para clarificar esta metáfora, o autor faz um conjunto de observações sobre a religião como experiência comum, apresenta as várias religiões subjacentes ao caraté (a religião de Okinawa, o xintoísmo, o budismo, o budismo-zen, o taoismo) e alude aos princípios que regem a lógica do encontro no karaté, a partir do pensamento do mestre G. Funakoshi. Regressando à nova civilização, Lázaro Pulido entende que a vivência do cristianismo no Japão pode servir a identidade comum do homem: «O Evangelho pode ser lugar de encontro do homem japonês face aos seus novos desafios, que nascem da própria modernização da sua economia, mais do que da dificuldade histórica de mentalidade, numa sociedade adaptada às mudanças e às leituras» (p. 127).

O livro encerra com um breve texto de Miguel Ángel Aragón Moreno, presbítero da diocese de Cuenca e membro do Instituto Espanhol de Missões Estrangeiras, com uma presença missionária de 13 anos no Japão. Intitulado *Claves de la misión (ad gentes) para nuestro momento actual, em torno a Francisco Javier*, o seu texto apresenta um registo diferente dos anteriores, com menos preocupações científicas e com um pendor mais exortativo, a partir da realidade vivida e perspetivada, quer para o Japão, quer para o Ocidente. Reconhecendo que o paradigma missionário atual é diverso do do tempo de Francisco Xavier, em que pontificava a conquista de almas para Cristo e se apreciava menos a cultura e religiosidade do território, identifica ainda assim algumas atitudes daquele missionário a ter em conta na pastoral eclesial: a confiança e a perseverança; o esforço por entrar em contacto com as gentes, fazendo-se entender na sua língua; o amor compassivo aos mais pequenos, doentes e pobres, tendo em conta a necessária ligação entre o compromisso com os pobres e a fé em Jesus. Entende que a figura de Francisco Xavier pode ser simultaneamente apelo ao não esquecimento da Ásia como lugar de evangelização e convite a olhar a nossa realidade eclesial e a nossa prática pastoral com um sentido missionário.

Estamos diante de uma obra que, sem pretender esgotar a temática, reúne um conjunto de contributos de valor sobre o cristianismo japonês, a partir de diferentes perspetivas de abordagem. Se os primeiros três trabalhos enveredam por uma angulatura historiográfica, muito enriquecedora, porque resulta do conhecimento do terreno e das fontes missionárias e locais, os restantes abordam o cristianismo japonês a partir da antropologia social, da filosofia/teologia e da própria prática pastoral e missionária, abrindo para intuições e conclusões mais abrangentes e não necessariamente restritas ao cristianismo japonês. Para quem, por formação, se abeirou da obra essencialmente com um interesse historiográfico, como é o nosso caso, leu com muito interesse os textos de Osami Takizawa e encontrou no estudo de Mutsuo Yamada uma excelente oportunidade para melhor conhecer o cristianismo japonês do século XVI até ao presente e assim compreender as dificuldades com que o cristianismo se debateu. Mas quem se abeirar da obra com centros de interesse mais voltados para o presente, nomeadamente no que se refere ao encontro de culturas, ao diálogo inter-religioso, à evangelização, também se poderá sentir bem compensado e correspondido.

Adélio Fernando Abreu